



Gualter Furtado

Diário dos Açores – 156 anos

No dia 5 de fevereiro de 2026, o Diário dos Açores faz 156 anos, um ritual que marca todos os anos uma vontade inquebrantável de renovação e uma assinalável capacidade de resiliência, características que o seu fundador, Manuel Augusto Tavares de Resende (1849-1892), deixou como legado aos seus continuadores.

Um jornal que completa 156 anos de vida, que atravessou vários regimes, períodos de paz e de guerra, vários ciclos de crescimento e de penúria, que experimentou diferentes tecnologias de produção e distribuição, e também processos diferenciados de gestão e direção, é certamente um jornal com muita história e uma testemunha preciosa da evolução da vida e dos acontecimentos mais marcantes do último século e meio, que ocorreram nos Açores, no País e no Mundo. É, assim, um precioso auxiliar da investigação política, social e económica para investigadores, estudiosos ou meros curiosos.

Não é por acaso, e apenas como exemplo, que o Diário dos Açores é uma referência e fonte de informação na exposição Universidade dos Açores: vivências da Academia, promovida pela Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada, um evento inserido nos 50 anos da Universidade dos Açores.

Acresce que um jornal como o Diário dos Açores conta na sua história com

muito serviço público de que os seus leitores podem usufruir, não só nas notícias e informações que publica, mas também no conteúdo dos artigos que os colaboradores regulares ou pontuais transmitem. Manter vivo um jornal, publicado em papel, nos dias que correm, é um ato de resistência, sobretudo quando praticado numa região insular dispersa, de pequena dimensão e afastada dos grandes centros — mesmo tratando-se de um arquipélago europeu no Atlântico Norte.

Os custos fixos são enormes, e mesmo os custos variáveis num mercado com as nossas características são mais elevados. Também os custos de distribuição, a concorrência direta e a paralela são muito fortes, e as redes sociais não têm limite. Tudo razões para que a informação regulada, transparente, com uma forte componente de serviço público, pluralista, de qualidade, e em que valores como a paz e a inclusão sejam respeitados, deva ser encarada nas sociedades democráticas como um investimento e não um custo.

Neste contexto, os meus parabéns ao Paulo Viveiros, aos trabalhadores do jornal, aos colaboradores, aos leitores e aos acionistas por manterem vivo o Diário dos Açores e, assim, prestarem este serviço aos Açores.



José Gabriel Ávila *

Os jornais e a pós-verdade

Longe vão os tempos em que os jornais eram lidos e citados como fontes da verdade sobre o dito e o feito.

Estava escrito e confiava-se na fonte, quase como verdade absoluta e inapelável.

Mostrava-se ao amigo, no meio de uma discussão — *lê, lê, para não dizeres que estou a mentir...* — e assim se calava o interlocutor.

Presentemente, já não é assim. Já nem as imagens que as televisões divulgam e as redes sociais transmitem são prova irrefutável, devido à diversidade de visões e aos desenvolvimentos da Inteligência Artificial (IA).

Perante isto, em quem acreditar?

O termo “pós-verdade” passou a fazer parte da comunicação, sobretudo das redes sociais, em 2016, na sequência do Brexit e das eleições presidenciais norte-americanas.

Pós-verdade é um termo usado para descrever situações em que fatos objetivos contam menos para formar opiniões públicas do que as emoções, crenças pessoais ou narrativas convenientes.

“A pós-verdade, segundo Lee McIntyre, não é simplesmente a afirmação de que a verdade é relativa, mas sim uma rejeição deliberada da ideia de verdade objetiva.” (McIntyre, 2018)

Desta forma, a desinformação não se espalha apenas por ignorância, mas por uma escolha consciente de negar as evidências que contrariam determinadas visões de mundo.

O diálogo democrático é grandemente afetado e o pensamento crítico penalizado por (in)certezas que não abonam em favor da verdade.

A verdade perde a força em favor da emoção, da certeza da opinião pessoal, das “verdades” de grupo, das designadas “fake-news”.

Desconfia-se e menospreza-se a ciência e a investigação, desvaloriza-se as instituições, o jornalismo e os seus profissionais, em favor de convicções pessoais e do grupo.

É este o mundo em que nos movemos: um mundo de desconfiança, de incertezas, de visões pessoais e grupais multifacetadas, de realidades diver-

sas e fragmentadas, com implicações perniciosas na condução de políticas sociais, económicas, culturais, ambientais, etc.

A atualidade internacional é exemplo da desvalorização da verdade, da palavra e dos conceitos universais que durante séculos promoveram e afirmaram civilizações e culturas. Este património é também pertença da imprensa escrita.

Com o intuito de informar e relatar acontecimentos, recorrendo a fontes credíveis, publicando e difundindo comentários e opiniões livres para educar e valorizar a sociedade, foi isto que motivou a imprensa escrita a propagar a verdade, doa a quem doer, e que ora passa por grandes dificuldades para se afirmar como parceira ativa e responsável por uma sociedade livre e plural.

É neste meio que se movem os arautos da pós-verdade, sabendo das facilidades que dispõem nas redes sociais para difundirem, sem quaisquer peias, as “fake-news”.

Já em 1967, Hannah Arendt, um dos teóricos deste assunto afirmara: “A mentira organizada sempre foi uma arma eficaz contra a verdade.”

Neste quadro sócio-político prosseguem a sua missão a imprensa escrita e o jornalismo, arrostando dificuldades contra tendências organizadas que pretendem substituir-se ao direito à informação e à responsabilidade de comunicar a verdade, levando mensagens distorcidas aos seus fiéis. Missão difícil de preocupação diária o anunciar a verdade com isenção e independência, pois corre-se o risco de ser influenciado por poderes ávidos de protagonismo.

Por tudo isto passa, certamente, o mais antigo jornal Diário dos Açores que hoje celebra mais um aniversário.

Aos seus proprietários e jornalistas desejo a força necessária para ultrapassar estas e futuras dificuldades, com a importante ajuda dos seus fiéis assinantes, anunciantes, leitores e colaboradores.